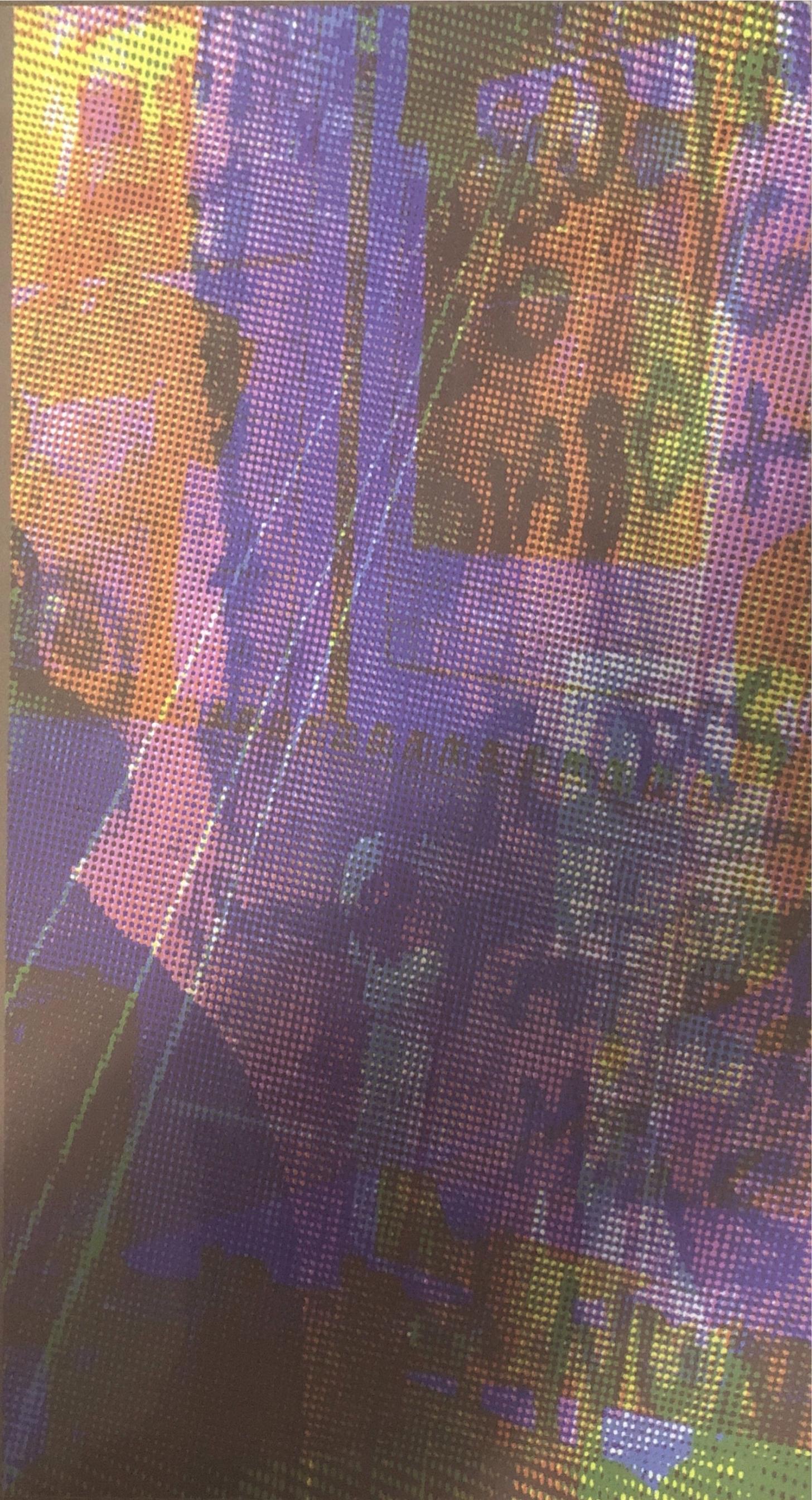


BRECHAND 



WWW.BRECHANDO.COM

**Edição:**

Lara Paiva

**Projeto Gráfico:**

Victor H Azevedo

**Textos:**

Maluz Maheros, Ayrton Alves Badryyah, Victor H. Azevedo e Lara Paiva

**Impressão:**

Offset Gráfica

**Agradecimentos aos colaboradores da Revista na  
campanha do Catarse:**

Enildo Fernandes, João Neto, Felipe Belini, Silvia Macena, Leila de Melo, Luciana Veras, Felipe Magno, Bárbara Santos, Rayanne Lima, Francisco Alberto Serejo da Fonseca, Harrison Torres, Júnior Torres, Carlos Calistrato, Albérico Lima, Henrique Arruda, Lio Oliveira, Andréa Mota, Maria do Amparo Medeiros de Oliveira, Felipe Figueiredo, Jader Bezerra, Paulo Eduardo, João Paulo Isnard, Henrique Araújo, Fábio Farias, Rafael Morais, Hermano França, Alice Paiva e Carol Paiva.

**Obrigada a todos que compartilharam e ajudaram a revista  
acontecer.**

*Natal, novembro de 2018*

brechando

---

# HISTÓRIAS DIFERENTES DE NATAL REGISTRADAS EM UMA REVISTA

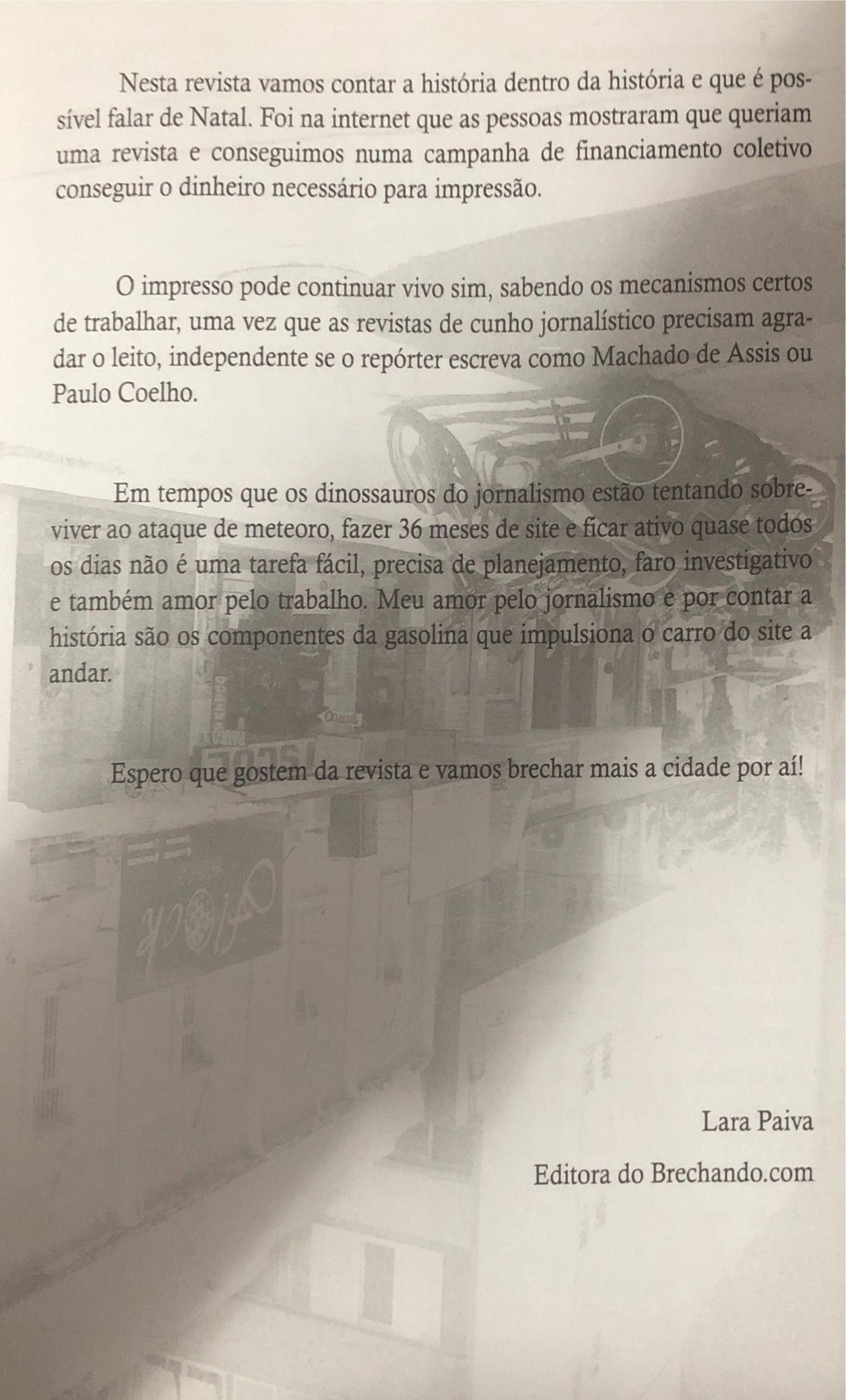
---

Se falasse para a Lara de 22 anos que iria ter seu próprio produto midiático antes dos 30 anos, eu acharia que era mentira. Hoje sou feliz em mostrar meu jornalismo com minhas características em um site como o Brechando. Melhor ainda, descobrir pessoas que gostam deste estilo e querer colaborar em fazer uma revista mostrando tudo que Natal tem escondidos pelas brechas.

Criar conteúdo, principalmente trabalhando com mídias digitais, é muito difícil e todos os dias sou desafiada a contar uma história diferente. Foram mais de dois mil textos publicados em três anos de Brechando, com um milhão de leitores, sete mil curtidas no Facebook e 2 mil seguidores no Instagram. Porém, eu queria estender a minha história além-site.

Mas, por que fazer uma revista do Brechando? As tiragens de jornais estão diminuindo e várias revistas impressas estão fechadas. É um ataque de loucura, verdade. Porém, existem histórias de Natal que precisam ser registradas não só em bits, mas também impressas no papel e guardadas nas estantes para um futuro perto ou distante do nosso.

Assim como os nossos ancestrais que pintaram nas pedras para mostrar a sua história, o papel traz marcas de uma história. Além disso, o Brechando precisa deixar a sua pegada na capital potiguar com matérias mais extensas do que seria aceito normalmente em um site e mais demoradas para sua apuração.



Nesta revista vamos contar a história dentro da história e que é possível falar de Natal. Foi na internet que as pessoas mostraram que queriam uma revista e conseguimos numa campanha de financiamento coletivo conseguir o dinheiro necessário para impressão.

O impresso pode continuar vivo sim, sabendo os mecanismos certos de trabalhar, uma vez que as revistas de cunho jornalístico precisam agradar o leitor, independente se o repórter escreva como Machado de Assis ou Paulo Coelho.

Em tempos que os dinossauros do jornalismo estão tentando sobreviver ao ataque de meteoro, fazer 36 meses de site e ficar ativo quase todos os dias não é uma tarefa fácil, precisa de planejamento, faro investigativo e também amor pelo trabalho. Meu amor pelo jornalismo e por contar a história são os componentes da gasolina que impulsiona o carro do site a andar.

Espero que gostem da revista e vamos brechar mais a cidade por aí!

Lara Paiva

Editora do Brechando.com

---

“SER BICHA É  
UM ESTADO DE  
CHOQUE, DE  
SÍTIO, DE GRAÇA”

---

Ayrton Alves Badriyyah

---

O ANO É 1976.

A literatura brasileira conhece seu primeiro livro fechado no conceito da homoafetividade. Era preciso falar na ditadura, no epicentro da ditadura, ser bicha doía e dói, é preciso falar.

Paulo Augusto, poeta e jornalista potiguar, nascido em Pau dos Ferros, interior do RN, em 1950, formado em Jornalismo pela UFF de Niterói, concretiza sua vocação de poeta lançando o livro “Falo”, genial a partir da ambiguidade do título, dedicado a Madame Satã, era vendido corpo a corpo nas noites da Lapa, na capital fluminense. O potiguar foi um dos pioneiros, ao Lado de João Silvério Trevisan e Caio Fernando Abreu, na elaboração do primeiro jornal brasileiro destinado ao público LGBTI+, o “Lampião da Esquina”.

A poesia de PaGu, apelido de Paulo, é marcada pela forte resistência, como protesto à fome, à seca nordestina, à migração estratégica para os grandes centros, mas, sobretudo, pela fonte do amor, pelo amor encontrado “nos cordões de miséria da minha cidade”, pelo rapaz da família tradicional mineira que é passível ao amor num quarto de uma velha pousada. É um Estatuto, um Decreto ao respeito, um grito que não deixou ser sufocado e vem atravessando o tempo e as gargantas dos opressores e ditadores do ódio.

Quando conheci a poesia de Paulo, fiquei impressionado pela força das imagens que ele evoca, pelo diálogo com o cânone e com a poesia marginal, se inserindo nesta última cronologicamente. “Falo”

foi e segue sendo resistência. Eu precisava conhecer o poeta, fiz-me de detetive e descobri que residia em Natal desde a década de 1980, descobri após várias ruas que não me levaram a nada, além do assombro do tempo que se recolhe para dentro das paredes do Centro Histórico de Natal. Quando eu falava o nome Paulo Augusto, as pessoas podiam não saber seu endereço, mas sabiam que se se tratava de uma pessoa boa, que ajudava a manter vivo o grito nas bocas que se erguiam contra o silêncio. Eu sorria e me mantinha firme na busca.

Cheguei até sua casa, lá descubro que ele tinha sido vítima de um AVC e que para além do corpo, quase que de vez rígrado, sobrava uma mente que levitava e respondia apenas com monossílabos. Ali impregnei-me de força e empenhei-me na divulgação de sua poesia. Fiquei triste ao saber que PaGu era poeta bissexto, só havendo lançado o “falo” e uma meia dúzia de poemas esparsos posteriores. Fiquei besta ao ver a magnitude daquela resistência, daquelas imagens guardadas num silêncio provinciano, no machismo residual provinciano. Contatei que Paulo é comodamente deixado de lado em várias antologias da dita “poesia potiguar”. Por que? O seu próprio poema Estatuto responde. Ser bicha é... ter a língua ferida.



Paulo ainda vê nos homens os seus psicagogos, mas, sem sair de seu corpo, os engana, segue falando. Falar segue sendo atual, ainda que seu livro com apenas de duas edições a de 1976 e uma segunda pelo sebo vermelho em 2003, esteja esgotado.

seu corpo, os engana, segue falando. Falar segue sendo atual, ainda que seu livro com apenas de duas edições a de 1976 e uma segunda pelo sebo vermelho em 2003, esteja esgotado.

Não irei me alongar, deixo dois poemas de Pagu, pensando nele com uma flor na cabeça, os lábios vermelhos de um batom, em pleno Beco da Lama, é como os amigos dele gostam de o lembrar. É como eu, que não lembro, imagino, entre as lágrimas e a força que essa poesia apresenta aos que a leem.

## ATENTADO AO PUDOR

Para prender-me  
a polícia  
por a-tentar  
- o pudico e ávido  
público  
termina por decifrar  
a mensagem  
dos órgãos de segurança  
sexual  
e mergulha  
sob as cobertas  
comigo.

Deliciosamente infratores  
simultaneamente  
gozamos  
entre relinchos, unhas,  
beijos e coronhadas.

# VAE VICTIS

Sensação de cão sem plumas  
a máscara  
a farsa - o medo  
isto tudo nasceu comigo.  
A primeira mentira dita,  
a gente se documenta,  
se habilita  
se exercita - e acaba se acostumando.  
A enfermeira é porta-voz.  
Oficiosa, a víbora morde, sopra,  
e cospe um verbete: Homem!  
Meu pai acredita,  
minha mãe se deleita  
o povo festeja. Bandeiras, discursos,  
charutos - bandas de música.  
Beberam o mijo do menino  
magricela - sem lhe perguntar  
sem lhe auscultar - a sina.  
Toda festa tem seu preço.

Etiquetado, recebo no berço  
a humanidade  
me olhando e rindo  
um riso que eu não entendo  
e que não me larga.

Só não ri o anjo. que me protege  
assexuado, a-ético, aéreo,  
sobrevoadando o meu ser  
e dizendo:  
- Vai, Paulo, ser gay na vida!  
No espaço geográfico do discurso há-sumo.  
Nihil obstat.

---

# "O FUTURISMO, EM 1909, BEIJA O SOLO BRASILEIRO A PARTIR DA CIDADE DO NATAL"

---

---

Ayrton Alves Badriyyah

---

**NA VIRADA** do século XIX para o XX, a Europa estava no processo de rompimento com toda a tradição artística-cultural que se desenvolveu até então. Nesse contexto,

surgem As Vanguardas Europeias, às vésperas da primeira guerra mundial, com o intuito de construir uma identidade artística/estética inovadora que as particularizassem frente a tudo que antes fora feito nesses campos. Preconizavam a modernidade que tanto influenciou e gerou adeptos nas classes intelectuais e artísticas, culminando na Semana de Arte Moderna de 1922.

O Futurismo, vanguarda Italiana, se concretiza com a publicação do Manifesto Futurista de autoria do poeta Filippo Marinetti. Primeiramente ele é publicado na Itália em 5 de fevereiro de 1909 e, posteriormente, recebe tradução para o francês e é publicado no jornal Le Figaro, em Paris no dia 20 de Fevereiro do mesmo ano. No Brasil, Natal é a primeira cidade a conhecer as ideias futuristas a partir da tradução feita por Manuel Dantas e publicada no Jornal A República em 5 de Junho de 1909. No final do mesmo ano, Salvador também conhece uma tradução do manifesto que pregava o progresso técnico, a partir da valorização da industrialização e da tecnologia.

Em 1909, Natal tinha uma população estimada, de acordo com Luís da Câmara Cascudo, em 16 mil habitantes, sendo muito pouco o número

de alfabetizados e ainda muito menor o número dos que tinham privilégio de se inquietar com as novidades artísticas da época. O manifesto acabou se perdendo, a tradução foi ficando esquecida e só há pouco voltou a ser lembrada. se perdendo, a tradução foi ficando esquecida e só há pouco voltou a ser lembrada. Só em 1912, Mário de Andrade, após viagem a Europa, retorna com as ideias futuristas e confere a elas a repercussão que começa a delinear os acontecimentos em torno do nosso modernismo brasileiro. É interessante notar que as vanguardas europeias pregavam uma identidade nova, nunca antes feita, já o nosso modernismo se utilizou de todos os recursos possíveis para reafirmar a identidade brasileira na produção artística, uma identidade já existente.

O contexto europeu pregava uma reorganização das cidades, com a finalidade delas expressarem características que reafirmassem essa urbanidade. Manoel Dantas, jornalista, em 1909 faz uma conferência futurista, publica um livro no qual imagina Natal em 1959. O livro "Natal daqui a cinquenta anos" imagina a cidade com uma "urbanística" acentuada, protótipo das urbes europeias o que, claro, não se concretizou, crescemos, mas o cheiro provinciano ainda é deleite de nossas vísceras.

Apesar da velocidade de divulgação do futurismo em Natal, a cidade só vê um trabalho futurista, de fato, em 1927,

## O FUTURISMO

Damos aos nossos leitores, a título de curiosidade, o manifesto entusiástico e revolucionário com que esta nova escola litteraria fundada pela revista internacional *Poesia*, de Milão, se apresenta ao mundo intellectual:

### MANIFESTO DO FUTURISMO

1 — Queremos decantar o amor dos perigos, o habito da energia e da temeridade.

2 — Os elementos essenciaes da nossa poesia serão a coragem, a audacia e a revolta.

3 — A litteratura, tendo até aqui magnificado a immobilidade pensativa, o extase e o somno, nós queremos exaltar o movimento aggressivo, a insomnia febril, o passo gymnastico, o salto mortal, a bofetada e o socco.

4 — Declaramos que o esplendor do mundo se enriqueceu com uma nova belleza: a belleza da velocidade. Um automovel de corridas, com o seu coifre ornamentado de grossos canos, semelhante serpetes enroscadas, com o seu halito explosivo... um automovel rugidor, parecendo caminhar debaixo da metralha, é mais bello que a *Victoria de Samoekrace*.

5 — Queremos cantar o homem que dirige o volante, cuja haste ideal atravessa a Terra, lançada ella propria no circulo da sua orbita.

6 — É necessario que o poeta se prodigalize com fervor e grandiosidade, a fim de augmentar o fervor entusiasta pelos elementos primordiales.

os primeiros aviões começa a pousar no rio Potengi, das inquietações provincianos em se tornar um centro urbano com todas as pompas e firulas, o que só começou a acontecer, ainda que timidamente, no pós-segunda-guerra. Em Natal, ainda esperamos o futuro.

7 — Não ha belleza sinão na lucta. Não ha obra prima sem caracter aggressivo. A poesia deve ser um assalto violento contra as forças desconhecidas para obrigar-as a curvar-se deante do homem.

8 — Estamos no promontorio extremo dos seculos!... Para que voltarmo-nos, do momento que temos de forçar o mysterio do impossivel? O Tempo e o Espaço morreram hontem. Já vivemos no absoluto, visto que creamos a eterna velocidade omnipresente.

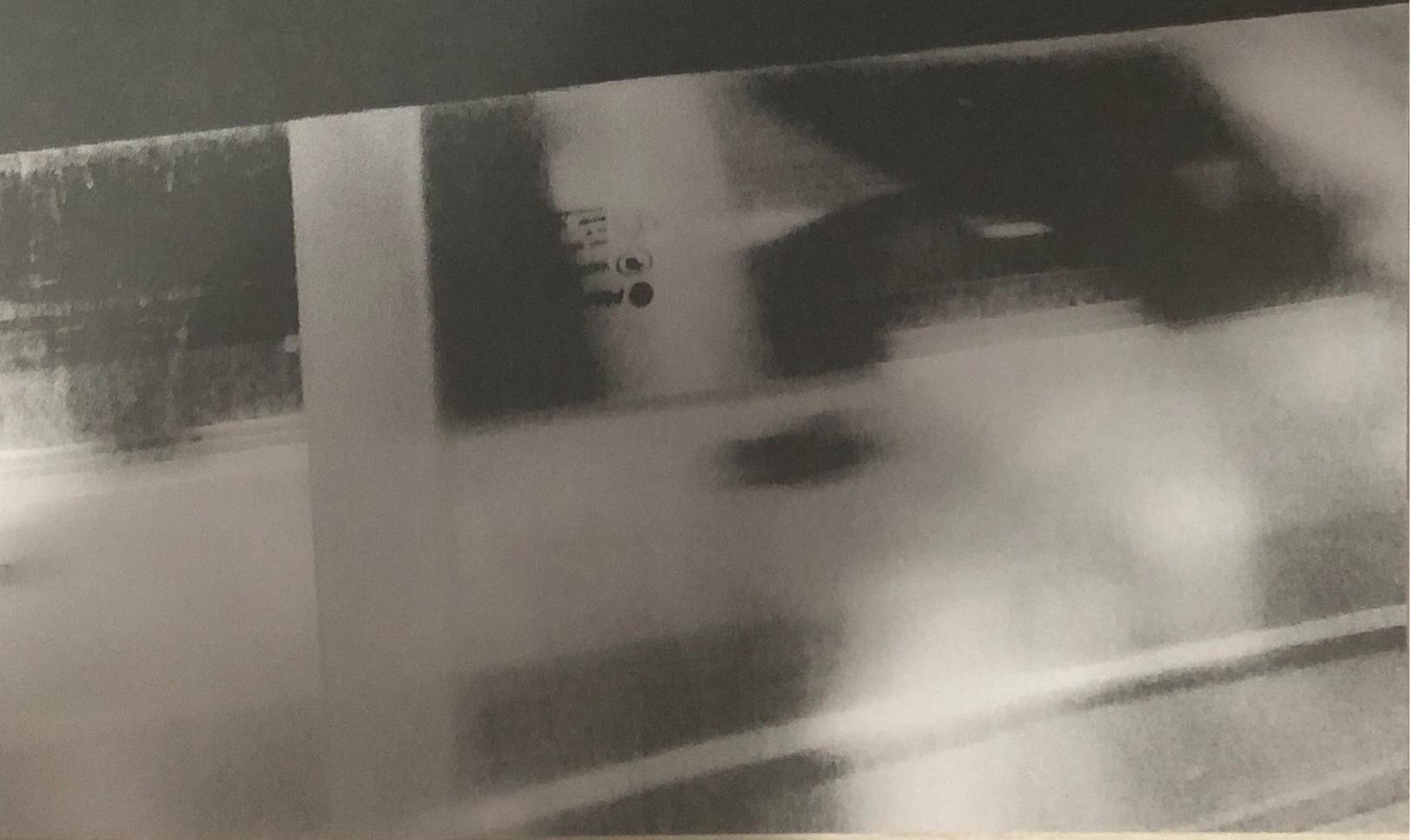
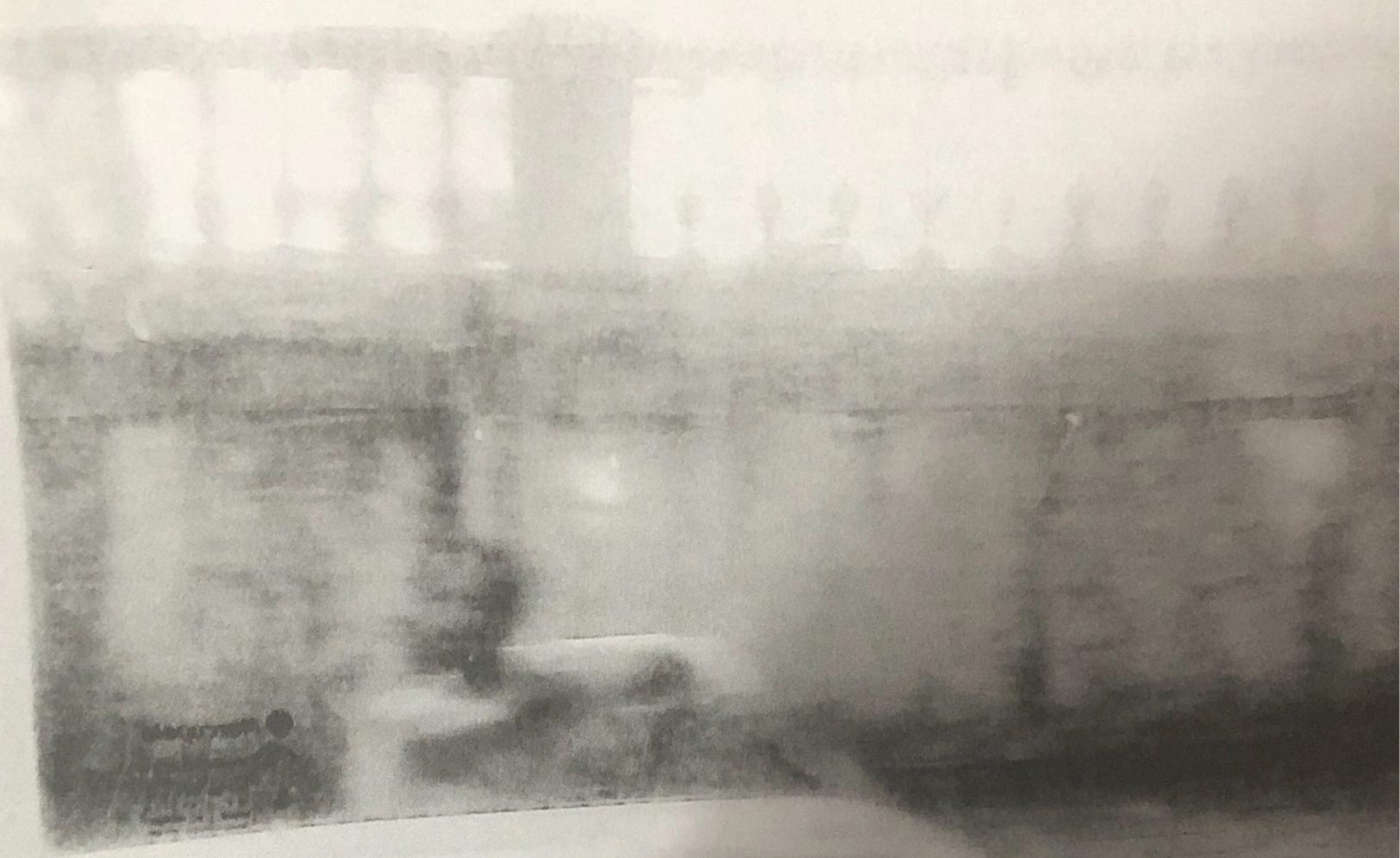
9 — Queremos glorificar a guerra — unica hygiene do mundo — o militarismo, o patriotismo, o gesto destruidor dos anarchistas, as bellas idéas que matam, e o desprezo da mulher.

10 — Queremos demolir os museus, as bibliothecas, combater o moralismo, o feminismo, e todas as covardias opportunistas e utilitarias.

11 — Cantaremos as grandes multidões agitadas pelo trabalho, pelo prazer ou pela revolta; as resacas multicores e polyphonicas das revoluções nas capitaes modernas; a vibração nocturna dos arsenaes e das officinas, á luz violenta das luas electricas; as estações vorazes, engulidôras de serpentes que fumam; as usinas suspensas nos ares por fios de fumaça; as pontes que se lançam com passos de gymnastas sobre os despenhadeiros e os rios claros de sol; os paquetes aventureiros á cata de horizontes; as locomotivas de aço, que fungam sobre os trilhos, como cavallos phantasticos; e o vôo dos aeroplanos silenciosos, cuja helice tem palpitações de bandeiras e atrahе os applausos da multidão entusiasta.

Accrescentam os auctores d'esse manifesto violento e incendiario que fundaram o *Futurismo* para libertar a Italia da «gangrena» dos professores, archeologos, cicciones e antiquarios.

AUSENTES PESSOAS NESSAS CONDIÇÕES, O USO É LIVRE.



---

# CRÔNICA: AMORES HÁ UM PALMO DOS NOSSOS NARIZES. NOSSO ESTRANHO JEITO DE AMAR

---

---

Lara Paiva

---

**NATALENSES** são engraçados, pois sempre reclamam da cidade, das pessoas, dos lugares e

ambientes, mas sempre são apegados com a terra. Isso também equivale o romance. Sim, as pessoas têm a mania de procurar o que é de fora (da nossa zona de conforto), mas sempre acaba se apegando com alguém do mesmo tamanho.

A gente tem um estranho jeito de amar os outros.

Este ano, por exemplo, perdi amores por conta de política, música e gostos. Fiquei rodando para vários lugares, achando que seria o X do mapa do tesouro.

A gente quer tanto o que é novo e diferente, porém esquecemos que o seu príncipe pode ficar a dois palmos do seu nariz.

Colocamos tanto empecilhos para achar alguém, que vamos desapegando e querendo procurar algo que está em nossos espelhos. Narciso não se contenta o que não é espelho, adaptando melhor a frase já dita por Caetano Veloso há algum tempo.

Nesse vai-e-vem de namorar e ser solteira, eu vejo como as pessoas estão cansadas de ser desafiadas, aprender a conviver com regras ou tentar ser companheira do outro. Além de confundir amor com confinamento. Olha que não estou falando de relacionamento aberto, estou falando de convivência romântica.

Recentemente, levei um fora de uma pessoa por não se encaixar nos padrões sociais de seu cotidiano enquanto como casal tínhamos a química no sentido romântico quando nos encontrávamos. Poderia muito bem usar a desculpa que morávamos em outras cidades, mas não foi bem assim, visto que até que víamos muito.

Apenas lamento por querer mais aparência do que se arriscar.

As pessoas parecem ter o mesmo sentimento, gostos, pensamentos políticos e até gostam de escutar a mesma música juntos. O beijo pode encaixar e o sexo ser de tremer as pernas (daqueles que ficamos sem dormir para repetir a dose), mas o medo de “ser amarrado” faz com que estrague tudo. Essa auto-sabotagem faz com que a gente ganhe inimigos sem alguma necessidade.

Não quero saber se o cara é bonito ou feio, por exemplo, só quero ver se não vai ser otário comigo. É isso que deveria ser a regra principal do relacionamento e não a aparência.

Sempre que estamos com alguém, queremos sempre algo mais, que ela fosse mais loira, mais morena, mais magra e mais adjetivos, deixando de lado as qualidades e querendo que ela fosse um modelo inatingível, enquanto a parte mais importante - a construção de um relacionamento - seja jogado no lixo.

Já cansei de ouvir pessoas que deram foram em certos casos porque ele é feio e tinha vergonha de apresentar aos amigos, que a posição política atrapalhava, por achar ele burro por não ter os mesmos gostos e dentre outras coisas. Enquanto lamentava pelo fim de casais super bacanas por motivos tolos.

Enquanto isso a gente vai atrás de gente torta e infelizmente abrindo portas para futuros relacionamentos abusivos.

O medo de arriscar por amor, de assumir uma paixão pelo seu melhor amigo ou falar que quer viver uma vida a dois acaba com a vida de muita gente, no qual para sempre viverá com aquele sentimento moído internamente e cheio de perguntas, como: “E se...”. Além disso, vamos vivendo relacionamentos cada vez mais abusivos e mais ligados em saber se a dupla vai combinar nas fotos nas redes sociais.

Ouvimos demais, falamos demais e sentimos bem menos. Somos muito egoístas por não amar e deixar de ser amados.

Precisamos parar de pensar no que os outros vão encaixar e olhar o quanto a outra pessoa pode fazer bem.

Portanto, menos aparência e mergulhe de cabeça no romance.

---

# UMA CASA HISTÓRICA QUE VIROU UMA VILA

---

---

Com sérios sinais de desgaste, a Casa de João Café Filho localizada no bairro da Ribeira há anos se transformou em uma vila. O Brechando resolveu entrevistar os moradores.

---

---

Lara Paiva e Ayrton Alves  
Badriyyah

---

## A PROCLAMAÇÃO

da República aconteceu no dia 15 de novembro de 1889, onde o Brasil deixou de ser uma monarquia imperialista e virou uma República com um presidente como chefe de Estado. No mesmo ano nasceria um de seus futuros presidentes, o Café Filho, no dia 3 de fevereiro.



Muitos falam de Café Filho como presidente da República, político, sindicalista e jogador de futebol do Alecrim, mas poucos esquecem as suas marcas registradas por Natal. Nas ruas do tradicional bairro da Ribeira foi

João Fernandes Campos Café Filho cresceu, morou e estudou nas principais escolas da capital potiguar, mesmo tendo morado em Recife e no Rio de Janeiro, a sua vida política foi toda feita no estado de formato de elefante.

Se tornou presidente da República após o suicídio de Getúlio Vargas, no ano de 1954 e saiu no ano de 1955 por motivos de saúde.

A casa onde passou boa parte de sua vida ainda está de pé no bairro citado, numa rua chamada Quinze de Novembro (coincidência?), mais precisamente em uma perpendicular na Avenida Duque de Caxias; principal via da região com a Rocas, Santos Reis e Cidade Alta. Uma das curiosidades é que a rua, antigamente, se chamava Rua do Triunfo, segundo a autobiografia do político.

Quase 130 anos depois, a casa branca com um brasão gigante na entrada ainda se mantém, apesar da aparência desgastada e restando apenas uma porta de entrada e uma cerca elétrica. Hoje, o atual proprietário, que não pertence aos familiares do ex-presidente morto em 1970 (os netos e bisnetos de Café Filho moram no Rio de Janeiro), transformou a casa em uma vila, abrigando em torno de 10 pessoas.

Embora tenha sofrido deveras modificações, como a retirada de janelas e modificações porta principal, o piso ainda continua sendo do século XVIII, além das portas dos quartos, que virou uma espécie de kitnet para as famílias que pagam o aluguel todo mês, sendo que o banheiro fica no quintal da casa, junto com a lavanderia e mais dois quartos ao fundo, sendo um interditado pela Defesa Civil de Natal após a estrutura do prédio na Duque de Caxias ter caído e derrubado o telhado de um dos quartos.

O **Brechando** foi saudado pelo mascote da vila, o Pedro Henrique, um cachorro vira-lata, simpático, com apenas um olho e resgatado pelo pedreiro José Soares, pernambucano que mora na vila há mais de 20 anos, no

qual conta como é um pouco morar no local e tenta nos ajudar a mostrar como essa casa histórica é uma vila.



O pedreiro afirma que é difícil ter uma briga entre os moradores da casa e todos tentam se ajudar de alguma forma, inclusive na hora da mudança. “Só teve gente que saiu daqui por causa disso daqui, olhe (aponta para o telhado todo destruído). Aconteceu há pouco tempo, caiu um pedaço deste prédio que fica na rua da frente e derrubou o telhado da casa do meu vizinho, o estrago foi bem grande e o dono do prédio era quem deveria pagar para consertar aqui. Agora tá embargada pela Defesa Civil, por isso ele vai morar em outro lugar. A sorte dele que não tava em casa, pois estava no hospital com sua esposa”.

---

---

*“Os anos iniciais da minha vida não foram marcados por nenhum acontecimento digno de registro. Tive uma infância como qualquer menino mais ou menos feliz, dividindo o tempo entre os divertimentos naturais da idade e os estudos”. Meu pai, João Fernandes Campos Café, filho de senhor de engenho, herdou o sítio do meu avô no Ceará-Mirim, onde passei algumas férias. Mas o verdadeiro cenário da minha infância e da minha formação foi Natal, onde nasci a 3 de fevereiro de 1899, em pleno Governo de Campos Sales, na casa de número 22 da antiga Rua do Triunfo, hoje Quinze de Novembro, situada na parte urbana chamada Ribeira”.*

---

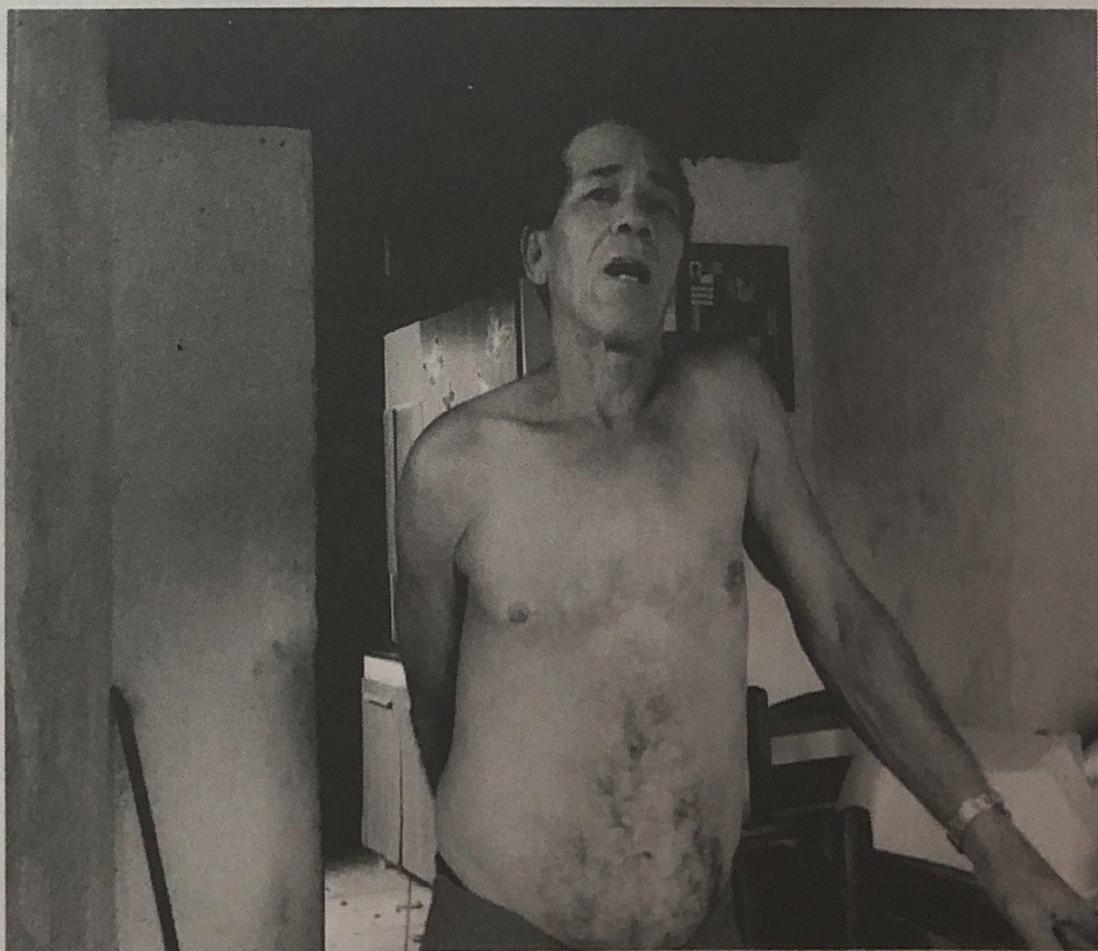
---

*Disse Café Filho em seu livro “Do Sindicato ao Catete”, no ano de 1966, quatro anos antes de sua morte.*

---

---

Voltando a falar se sabiam que a casa tinha um valor histórico, José respondeu que sim. “Quando me mudei aqui, muitos historiadores, pesquisadores e o pessoal de escola com as freiras (perto do bairro existem muitas escolas católicas) apareciam aqui para falar que o Café Filho nasceu por aqui. Antigamente era bom para tirar foto, mas teve que modificar tudo, a vizinha que morava perto da gente (segundo José, ela faleceu há pouco tempo e era a moradora mais antiga da Vila) abria a porta para esse pessoal, colocava cadeira para conversar sobre o assunto”.



Além disso, ele falava que uma das visitas ilustres era da Madre Carmen Alves, diretora do Colégio Imaculada Conceição (CIC) e possuía forte influência política por ser irmã de Aluizio Alves, ex-Governador do Estado. “Ela vivia direto por aqui com os seus alunos, fazendo o movimento”, comentou o pedreiro da forma mais nordestina possível.

“O povo conversava demais, falava muito, chega não aguentava, estou aqui (risos). A casa era cheia de gente o tempo todo, dava canseira”.

Mas, quem foi Café Filho? O pedreiro, infelizmente, não soube responder, mas apontou para a rotatória que liga a Esplanada Silva Jardim e mostrou uma árvore. “Lá tinha um pedaço de pau-brasil que ele plantou quando era criança, porém a árvore caiu e tiveram que plantar outra”;

Sobre as mudanças na casa, o morador conta que levou uma bronca dos fiscais da Prefeitura do Natal por ter retirado a janela da casa, visto que as casa do bairro são tombadas desde a década de 1930. “Ou a janela ficava ou a casa da idosa seria invadida pelos vagabundos. A fiscalização sempre vem por aqui olhar como está a casa, pois ela não pode ser demolida de jeito nenhum”, contou.

Perguntamos quem era o dono da casa, rapidamente o senhor José Soares disse que o rapaz morava nas Rocas e é proprietário de outras casas nas redondezas. “Ele é quem paga o IPTU daqui. A casa era muito grande para uma família só e resolveu colocar os quartos para alugar, ele é um homem muito bom”.

Após a aflição, a gente achou melhor deixar o José descansar e assistir o seu jogo em paz, que estava com a televisão ligada, sempre acompanhado do cachorro Pedro Henrique e mostrando que por trás da história sempre tem várias histórias.

## *A ex-namorada do Demir, do Trio Ternura, é uma outra moradora da vila*

---

---

Mesmo não querendo aparecer na matéria, a moradora pediu nossa ajuda para calcular o que faltava na sua conta do banco, visto que ela era analfabeta. A dificuldade dos cálculos era um problema constante em sua vida. “Meu filho (aponta para Ayrton)” anota aqui o quanto eu tenho para falar direitinho ao gerente do banco”, pediu.

“Ai moço, desculpa, eu não estudei”, lamentou.

No entanto, um coração flechado, meio apagado, chamou a nossa atenção e prontamente respondeu. “Isso aconteceu há muito tempo, quando era jovem e namorava o Demir, foi um grande amor da minha vida”.

Prontamente, perguntamos: “O Demir do Trio Ternura?”.

O Trio Ternura era o destaque dos jornais de Natal, principalmente por ser um dos protagonistas de diversas atrocidades no Complexo Penal João Chaves, na zona Norte de Natal, conhecido pela imprensa, como “Caldeirão do Diabo”.

O grupo era composto por Paulo Nicácio da Silva, conhecido como “Paulo Queixada”, Vlademir Alex Mendes de Oliveira, “Demir”, e Ivanaldo Félix da Silva, o Naldinho do Mereto.

Responde: “Ele mesmo, mas ele era jovem, mas tão bonito e tinha aquela cara de rebelde, fez este desenho em mim. Topei por estar apaixonada, pode tirar foto apenas dela e não na minha cara. Namorei bem antes do

Caldeirão do Diabo, nunca pensei que iria virar essa coisa ruim”.

“Nossa, doeu muito para fazer, mas a pessoa quando está apaixonada faz tudo, isso foi lá na década de 70”, disse a moradora da vila há mais de 20 anos.

Queixada lhes conheceu quando foi preso em 1983 após matar um médico e uma enfermeira no estacionamento da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), chegando a estuprar a vítima e colocar fogo nos corpos. Então, ele foi conduzido para a então Penitenciária Doutor João Chaves, que era a maior do estado naquela época. Lá, o Queixada conheceu Demir e Naldinho, formando assim o trio que fazia medo na cidade, principalmente as crianças.

A falta de controle da vida dentro da penitenciária João Chaves fez com que os presos, literalmente, matassem uns aos outros.

Já dentro do “Caldeirão do Diabo”, Queixada ganhou o status de líder da cadeia. A condição foi ganha com a morte de 13 detentos ao longo dos anos. A liderança era dividida com Demir e Naldinho do Mereto, que retirava os olhos das vítimas para que elas não pudessem “reconhecer ele no inferno”. Alguns dizem que o grupo teria até feito pactos demoníacos.

O final dos três foi trágico e aconteceu no ano de 1995. Demir matou a facadas os dois amigos. Pouco tempo depois, o próprio Demir viria a ser assassinado dentro da cadeia por um novato chamado Chocolate.

Já dentro do “Caldeirão do Diabo”, Queixada ganhou o status de líder da cadeia. A condição foi ganha com a morte de 13 detentos ao longo dos anos. A liderança era dividida com Demir e Naldinho do Mereto, que retirava os olhos das vítimas para que elas não pudessem “reconhecer ele no inferno”. Alguns dizem que o grupo teria até feito pactos demoníacos.



---

# MEU NOME É DISCOL

---

---

Conheça a história de Luiz Brás e como veio a loja para capital potiguar, que resiste e continua vendendo LP

---

---

Lara Paiva

---

modificados. No piso inferior da loja maçônica da loja 21 de março (um dos primeiros registros da Maçonaria na cidade) está uma resistência da venda de LPs na capital potiguar.

A Discol até hoje vende os produtos oferecidos quando a mesma veio para capital potiguar no ano de 1975.

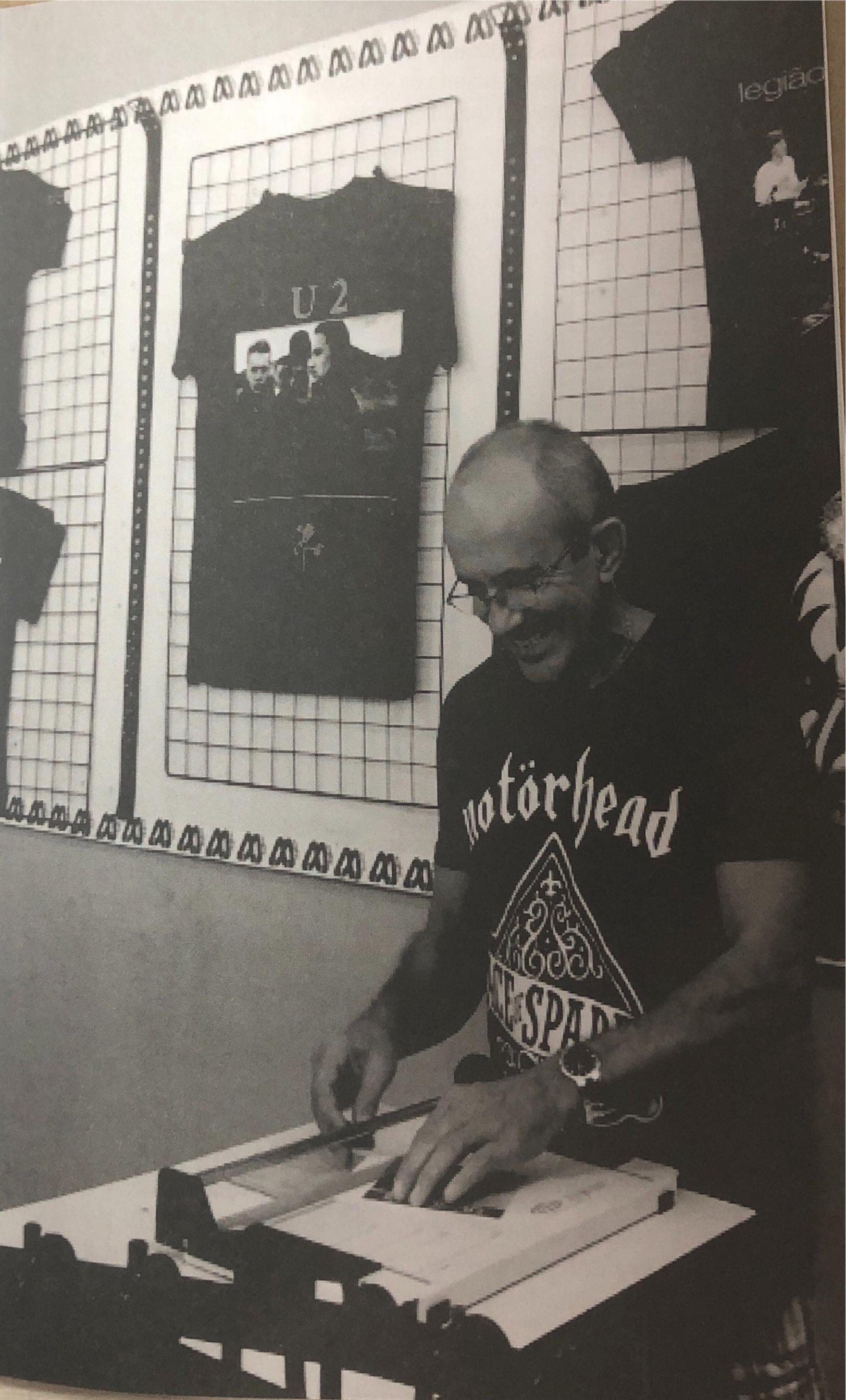
Em um espaço mais reduzido, os discos de vinil ainda estão lá utilizados como objetos de decoração ou custando entre 10 a 20 reais, dependendo se o mesmo é raro ou não, além de vender camisetas de bandas de rock e heavy metal, shape de skate, pendrive com música e fornece o serviço de converter VHS em DVD e transformar músicas de vinil e cassete para CD.

Ou seja, teve que se modernizar para se manter viva. Antes que esqueça, nos fundos da loja ainda tem um estúdio de tatuagem.

“Me lembro que comecei como olheiro na Discol de Campina Grande (PB), a matriz da loja, era bem novinho e tinha 14 anos. Quando eles quiseram instalar em Natal, eles me chamaram para trabalhar, quase fui na mala do fusca (risos)”, disse Luiz Brás, que trabalha há 43 anos no local e hoje é o proprietário.

## Um dos ramos

do antigo Grande Ponto, a rua João Pessoa no bairro de Cidade Alta é dividido entre coisas novas e antigas, entre as grandes redes de magazines e os tradicionais. Os edifícios Ducal e Sisal ainda estão lado a lado dos casarões que foram vulgarmente



“O Centro inteiro me chama de Luiz da Discol. A loja virou meu nome”, afirmou um grande amante da música e estava usando uma camiseta do Motorhead enquanto lhe entrevistava.

Brás lembra muito bem o dia que a loja foi inaugurada. “Foi uma semana antes do carnaval de 1975 em outro local na Cidade Alta e depois ficamos por aqui. Foi proposital a data, para as pessoas comparem os discos do momento”, explicou.

Meu primeiro contato com a Discol foi andando pelas ruas do Centro e vi que tinha poucas lojas mantendo a sua caracterização. O letreiro da rua ainda tinha cara de anos 70 e 80 e vasculhando os discos da minha mãe, alguns ainda mantinham a etiqueta da loja.



“Os antigos donos amavam esta logo, era o maior carinho do mundo”, relatou o quase músico Luiz. Sim, ele quase entrou em banda.

Sua carreira musical ou quase carreira aconteceu quando ele e os irmãos foram convidados para formar uma banda de baile, na Paraíba (“nos moldes do Grafith”), por um político que iria lhes empresariar, no qual deixou toda a família empolgada com a artimanha. “No final a banda nem deu certo, deixando todo mundo descontente, alguns não querem tocar mais o instrumento por conta do trauma. Somente um dos meus irmãos resolveu se tornar cantor”, contou Luiz se referindo ao Maguila, seresteiro bastante conhecido no Nordeste.

Maguila é uma figurinha carimbada nas serestas promovidas pela Carreta Churrascaria, que ficava na Avenida Engenheiro Roberto Freire, e roda pelo interior do Nordeste e principalmente em casa de shows especializadas na cidade sobre seresta.



“Não porque ele é meu irmão, mas ele é um excelente músico na área do que faz, sempre teve talento, um excelente seresteiro. Ainda toco bateria ou qualquer instrumento de percussão, mas é por puro lazer”, relatou.

A história da Discol e do Luiz se confunde, tanto que o seu nome no Facebook está como Luiz Discol. “Quando você se envolve tanto com a loja, que as pessoas colocam o nome dela junto com o meu de batismo. Amo trabalhar por aqui, passei por todas as áreas e só vai fechar quando morrer.”.

Luiz começou como olheiro, depois passou para o balcão e final-

chegou a gerência. “Fiquei 18 anos na gerência, segundo a minha carteira de trabalho. Somente quando a loja de Campina Grande fechou no início dos anos 2000, resolvi comprar o ponto e administrar a Discol”.

Se nos anos 80, as pessoas compravam os discos do momento, hoje a galera quer saber se ainda existe o melhor do Amado Batista (mesmo com alguns clientes saudosistas).

“Apesar de colocar música popular para chamar atenção, muitos jovens que querem saber dos LPs, lamento que o pessoal de 40 anos que viveu os áureos tempos do disco não querem saber de vitrola ou vinil”, contou o Brás, que ainda quer manter a música viva em um mundo que só quer saber de Spotify e escutar música via YouTube.

---

# CIDADE 19XX

---

---

Victor H. Azevedo

---

*“À noite quando me deito  
em Maputo  
não preciso de rezar.  
Já sou herói.”*

*Carlos Cardoso*

**Manhã**, quando me acordas em N. Sra. dos Alagados, teu silêncio é inefável. Levanto e digo Mãe, o café já tem açúcar? e digo Pai, encontrou alguma moldura abandonada no lixão? Pergunto ao papagaio se ele tem previsão do nascimento dos girassóis e beijo minha namorada como quem vive sem saber se é verão ou agiota aquele que bater na porta.

Manhã, quando me acordas em N. Sra. dos Alagados, vejo que gerações de carpas comem sementes de abóbora em teu ventre. Lavo as mãos e os pés e saio à rua com a dispensa militar no bolso. Atravesso o distrito sem ter assunto do que conversar com a paisagem. Escoro minha cabeça na janela e fabrico pequenos silêncios que o bramido do ônibus insiste em abocanhar, mastigar e engolir espalhafatosamente.

Manhã, quando me acordas em N. Sra. dos Alagados, acordo sabendo que não me queres nutrido delouvaminhas. Por isso não tenho Musa em meus contatos telefônicos e amo feito um cão que ama a sombra de uma árvore num dia quente. De repente me vem um gosto na boca de café e hortelã. Sangue e ferro às vezes. Depois um amargo de chão, uma viagem do tamanho da respiração de um mar.

Manhã, quando me acordas em N. Sra. dos Alagados, abro e fecho os olhos ainda deitado, e mando à merda os poetas caducos e mando à merda os relógios com sede e mando à merda a penumbra que anoitece sobre o peito. Lábios áridos de espelho e água outra que mana das tuas pernas. Passa do meio-dia e não fuzilaram ninguém em praça pública. A policial ronda de luzes vazias o quarteirão. Ouço falarem de um mitológico presidente esculpido em ouro de tolo. Querem eles crucificar o fogo, tingir de ideais a flor, rebocar abraços com uma betoneira. Não publico minhas saudades. Caminho às ordens do meu medo. Atravesso a rua e tu, Manhã, se embrulha no horizonte e mergulha no Longe.

Por isso, Coração, quando adormeço em N. Sra. dos Alagados, te devolvo ao meu peito e só então rezo secretamente para que amanhã a cidade amanheça perfeita desabitada.

---

VLAMIR CRUZ  
(MISTER MOO): O  
ROCK POTIGUAR  
DO SHOW  
BUSINESS  
À ERA DA  
INFORMATIZAÇÃO.

---

---

Maluz Malheros

---

**Mister Moo** está para o rock potiguar assim como Lemmy Kilmister está para a história do rock mundial (risos.) Em entrevista para lá de descontraída, Vlamir abre sua “cabeça errante” e divide experiências e histórias na música, passando

por vários recortes e momentos. O atual dono do Ícone Estúdio, um dos idealizadores do selo MUDERNAGE, atuante no audiovisual e sabe-se lá mais o que de tantas outras competências que o orbita. Leros e delongas dispensadas, vamos deixar que ele conte da sua trajetória e dos seus planos.

**1 - Mister Moo, você pode se apresentar ao leitor e falar um pouco da sua relação com a música (como começou, etc)?**

Na casa do meu pai e do meu tio sempre se escutava música. A turma do meu pai só se reunia para uma gelada com muita música (risos). Ocasionalmente tinha alguém que era instrumentista/cantor. Além da vitrola, um rádio AM cheio de faixas onde competíamos para sintonizar estações distantes: Rio, São Paulo, Europa... e gravar as músicas em fita K7. Morávamos no Baldo, depois Barro Vermelho. Adolescentes, meu irmão e eu, ganhamos um violão e começamos a praticar com a revista Violão Guitarra que trazia músicas cifradas. Não fiz um curso formal de música, tô mais para autodidata. Alguns primos também tocavam violão e nos reuníamos em casa para dar uns treinos coletivos (risos). Semanalmente, na

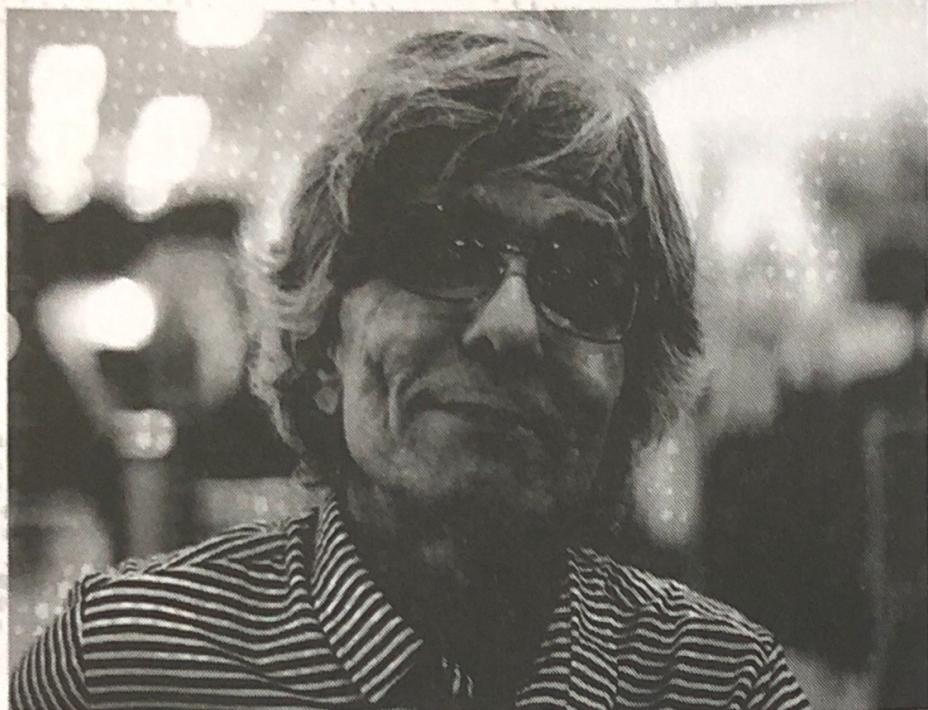
Rádio Cabugi, rolava o programa de Big Terto que tocava rock paulera. Na banca: revista Som Três, Pop. Tardes na Av. João Pessoa em frente às lojas de discos escutando os lançamentos. Estudávamos no Ginásio São Luis, era comum visitar os amigos de escola para gravar K7s dos “discos da casa”. Meu pai durante um tempo foi presidente de uma associação que tinha sede campestre, lá organizava shows de médio porte, eu ficava ali acompanhando o movimento, dando uma força na montagem do som, trocando idéia com os músicos. Tinha uma curiosidade por eletrônica e gostava de ler artigos de Claudio Cesar Dias Batista que era quem fabricava as parafernalias dos Mutantes. Fui fazer Eletrotécnica na ETFRN, Tinha algumas composições e me chamaram para formar o Cabeças Errantes. A mistura de arte, tecnologia e curiosidade provavelmente é que me navega.

**2 -Você pode nos falar como foi o começo do “Cabeças Errantes”, como foi a participação da banda no cenário musical nacional/local? Além disso, você poderia dividir com a gente alguns dos episódios que mais lhe marcam dessa época?**

O Cabeças Errantes surgiu em 1982, com amigos que moravam no Barro Vermelho e estudavam na Escola Técnica (ETFRN, hoje IFRN). Inicialmente era um som bem acústico, folk. No big bang era André (violão, voz), Antônio Júlio (Voz, percussão), Nena (flauta)... André me convidou prum ensaio, levei meu violão, composições e voz microfônica (risos). Eles foram dispersando, fui convidando outros integrantes, o que eletrificou o som e tornou o Cabeças Errantes num grupo de rock que durou até meados dos anos 90, onde eu era vocalista e vazia guitarra base. Uma turma boa de músicos passou por lá. Ricardo Menezes, Adriano Azambuja, Edu Gomez, Riva Andrade ocuparam o posto de guitarrista do Cabeças. Eu particularmente acredito que na realidade tínhamos mais uma forte pantomima de palco - um espetáculo com performances, projeções de vídeo, nonsense - que propriamente música excelente (risos). A banda tinha foco intencional de atuação no cenário potiguar mesmo. Gravar era algo tão distante da realidade local, para ter boa qualidade teria que ser em outro estado, que o foco era mesmo fazer shows, shows e shows. Com gravações feita em Natal, tivemos uma demo (κ7). Para o Cabeças e também fazer locações, criamos uma equipe de som/luz que depois gerou a Castelo Casado Iluminações e a ÍCONE STUDIO.

Olha! Desse período com o Cabeças Errantes, são inesquecíveis as

performances de Pedro Pereira (integrante do grupo). Numa delas, organizamos um show na beira do Rio Pium, meio do show roque instrumental, no rio, surge Pedro em trajes de mergulhador, sobe ao palco, “canta” com a banda uns textos poéticos loucos, mergulha no rio e some, reaparece ao fim da música, soltando fogos de artifício, psicodelia geral.



MISTER MOO DISFARÇADO DE VLAMIR [DIVULGAÇÃO]

**3 - Quando você ingressou na cena musical de Natal como ela era, você pode fazer um mini panorama da época para a gente e falar um pouquinho da transição para a cena musical natalense atual?**

Natal sempre teve uma efervescência musical inerente ao existir da cidade, que ao meu ver transcorre em ondas a cada nova turma que chega ao cenário. O Festival de Artes de Natal, que ficou mais conhecido como Festival do Forte, por ter tido várias edições no Forte dos Reis Magos, é um dos ícones daquele período. Um woodstock multicultural em período de ditadura militar (risos). Lá se misturavam as mais diversas facções culturais da cidade. Música, teatro, artes visuais, performance... as gerações anteriores como as que estavam chegando na área orbitavam por lá.

O local dos grandes shows que viam de fora era o Palácio dos Esportes.

Uma coisa peculiar, era que na cidade não tinha local específico para as bandas de rock se apresentarem, sendo então necessário que elas fossem integralmente produtoras e idealizadoras de seus shows, quer seja no Teatro Jesiel Figueiredo (latéral da Igreja São Pedro), no Centro de Turismo, boates suspeitas... (risos). Alguns poucos locais como o Chernobil (na Ponta do Morcego) tinham banda de rock no seu cardápio. As ferramentas disponíveis para fazer música ou realizar um show claramente demandavam bem mais energia vital do que atualmente, na contra mão disso o trabalho de formação de público aparentemente tinha um ativismo bem forte. Por

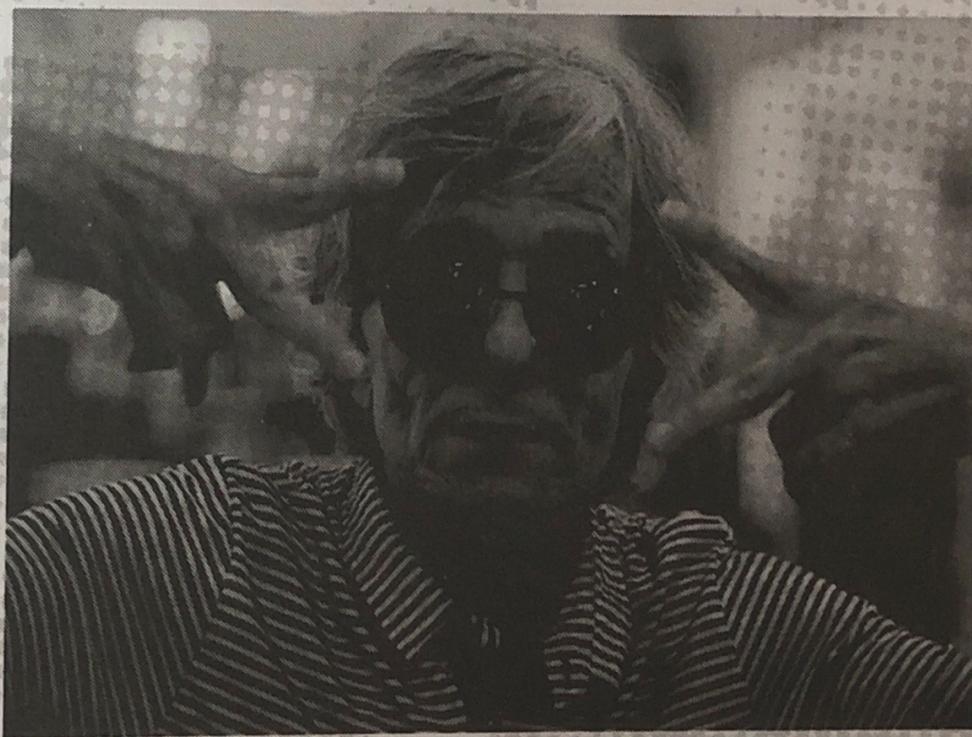
studios. Atualmente gravar é até, às vezes, a primeira ação de algumas bandas para conseguir apresentações.

#### 4 - Como foi essa transição de ser “o cara da banda” para se tornar produtor, dono de estúdio e dono de selo?

Da banda de lá ou da banda de cá? (risos).

Olha só! De uma forma natural, pois também ninguém queria fazer, foi sendo o jovem bôe (risos), que desenrolava as atividades da banda, então, desde o início, eu atuava como artista e produtor. A partir dos anos 90 fui me qualificando formalmente na área de produção, fiz cursos promovidos pelo Sebrae, Ministério da Cultura... Meio dos anos 90 resolvi ir me desfazendo do equipamento de sonorização para ir montando um estúdio onde pudesse gravar com certa qualidade nossas músicas. Nêgo Edmundo (cantor/compositor) sempre estava nos nossos ensaios, convidou então o Cabeças Errantes, na época Riva (Guitarra), Tonel (baixo) Juscelino (bateria) para montar com ele um repertório para se apresentar no Festival MADA. A coisa deu certo, eles fundaram o Embolafunk. Eu fui priorizando o estúdio, o Embolafunk tocando, assim o Cabeças Errantes foi esfriando sem brigas ou confusões.

Já a onda de selo foi ali nos anos 2000, fui convidado por Alexandre Alves e Henrique Pinto para participar do selo e loja de discos Solaris. Os lançamentos do selo eram bem frequentes. Em 2002 propus diminuir os lançamentos para divulgarmos mais intensamente



VLAMIR DISFARÇADO DE MISTER MOO [DIVULGAÇÃO]

cada disco lançado. Alex não *tava* a fim de revisar o formato, continuei na Solaris, mas, em paralelo, foi criada a Muderange.

## **5 - Como é viver de música em Natal e como é, nesse recorte geográfico, ser dono de um selo?**

Outro dia Antônio de Pádua (músico) me falou algo mais ou menos assim: “Viver de música é fácil, difícil é ser artista da música”. Até hoje tô resabiado com isso, se puderem desvendar o mistério... (risos). Na realidade não sou “dono”, apenas coordenador ocasional, pitaquista de plantão, algo assim. De um mix de atividades na área musical/cultural a ÍCONE caminha, apenas só uma atividade não segura a onda. Será que seria isso que Antônio de Pádua queria dizer? Rapá!

## **6 - Você pode nos falar um pouco sobre o Mudernage: relação com os músicos, formação do casting, etc?**

A Mudernage atua em diversas áreas, audiovisual, música, livro... é uma questão de afinidade com a energia do artista, com o som... tem lançamentos na área rock, instrumental e new age. Usualmente não banca os custos da obra, se associa a algo que pintou sintonia para juntos buscar formas de viabilizar a realização.

## **7 - Como você chega nesses músicos/formação do casting?**

Assistindo apresentações; amigos que dão o toque de algo interessante; de alguma forma tem que rolá alguma magia que não sei explicar o que é (risos).

## **8 - Sei que é uma tarefa muito difícil, mas você poderia escolher um trabalho do Mudernage para nos falar um pouco sobre ele?**

Os filhotes Mudernage mais recentes foram na área de audiovisual. O curta EM TORNO DO SOL é uma ficção científica bem legal “O aumento das interferências solares dificulta a geração de energia elétrica no planeta. Os equipamentos eletrônicos se tornaram itens obsoletos na Terra.

Senhor X busca possibilidades”. O protagonista é o guitar hero Adriano Azambuja, que inclusive tira um som no filme. Foi premiado em alguns festivais brasileiros, passou por uns doze festivais no exterior, agora em novembro participa em Moscou do Echo Brics Film Festival. (O trailer pode ser encontrado no Vimeo)

**9 - Para você qual é a grande personalidade do rock potiguar e qual sua importância?**

A primeira leva do Rock Potiguar (anos 60), teve uma repercussão que, ao meu ver, ainda não foi superada. O primeiro grupo de rock potiguar The Shouters catapultou nacionalmente para a Jovem Guarda e para a história da música brasileira o pop star Leno, que em alguns momentos chegou a disputar o primeiro lugar das paradas de sucesso com Roberto Carlos. Foi parceiro de Raul Seixas, entre outras estripulias. Em outro aspecto, não poderia deixar de fora Raul e Alcateia Maldita, em ação desde os anos 70, que pode ser considerado como a origem em terras potiguares, do que seja underground. Como também na atualidade Ana Morena, baixista do Camarones, produtora de festival, ativista... faça você mesmo da melhor extirpe.

**10 - Quais os planos para o Mudernage ,o que você ainda pensa em realizar para o selo?**

Consultando aqui os oráculos.... as vozes não se manifestam, devem estar de folga (risos).



INTEGRANTES DA BANDA “CABEÇAS ERRANTES” EM NATAL [DIVULGAÇÃO].

---

# A ESTÉTICA DOS OPRIMIDOS EM 4 PERFIS

---

---

Poesia e loucura no Rio Grande do Norte

---

---

Ayrton Alves Badriyyah

---

**O cânone** literário implica uma relação de poder que estabelece, para além de uma “qualidade literária”, quem deve e quem não deve ser lido. Tudo muito alinhado a uma normatividade do indivíduo que executou a Obra, restando aos que destoam dessa concepção o esquecimento.

O que é diferente tende a ser silenciado, trancafiado no sótão, pelos que detêm o poder e os mecanismos de estabelecimento da exclusão. A loucura, ou pelo menos o que dela entende-se até agora, tende a ser deixada de lado, por, inequivocamente, constituir uma relação de oposição ao logos. A loucura não é a ausência de um “logos” é uma passagem para o estado onde o indivíduo passa a possuir uma “forma” de encadear os pensamentos e de percepção da realidade que rompe com a convencional de “normal”, expondo que não é a única.

Os corpos impregnados pela “loucura” são tirados de cena ainda em vida, e, após a morte dessa materialidade de carne, ossos e sangue, a censura continua, mas agora imposta à memória e aos produtos dessa vivência. Nos quatro perfis aqui apresentados, a censura pode vir disfarçada de voluntária, apresentada como um isolamento romântico do indivíduo ou de forma mais veemente quando são citados os nomes das instituições psiquiátricas.

Quantos desses nomes você conhecia? Poucos ou até mesmo nenhum é o que estimo para a maioria dos leitores que tenham acesso a esse texto. Escritores de qualidades inegáveis que tiveram seus livros engolidos pelo tempo, relegados ao esquecimento, impossíveis para reedições, isso quando toda uma conjuntura não se mobilizava para o impedimento de publicações que dispensassem a tristeza do nome póstumo. Um João Lins Caldas, por exemplo, teria alcance nacional se a inovação que trazia em seus versos tivesse vindo à luz do público no período em que foram concebidos. Estou ciente das dificuldades históricas, ainda mais para uma pessoa que se enclausurou numa cidade interiorana, mas é no mínimo ingenuidade parar

parar as explicações por aí.

Felizmente vivemos em um momento, ou pelo menos estávamos vivendo, em que a busca pela igualdade de direitos, fez com que as ditas minorias se rebelassem contra o porão histórico e, de repente, todas essas questões de exclusão vieram à tona, num grito de volume crescente. E tudo passou a ser repensado, desde nossas posturas individualizadas convencionalizadas sem uma dimensão crítica antes de uma mera reprodução até o cânone literário, para ficar apenas nesse recorte. Vivemos a era da exumação, colocamos o que era o cadáver literário para uma nova análise, retirando dessa condição obras que injustamente, e em nome de uma supremacia normatizadora, lá estavam.

Nesse contexto surgem edições dos poemas de Stela do Patrocínio, reedições das obras de Maura Lopes Cançado, o constante interesse na produção poética de Leopoldo Maria Panero, Antonio Gancho, etc.

Finalmente estamos compreendendo que a loucura, essa palavra singular utilizada para designar tantos processos cognitivos-existenciais que ainda nos são incompreensíveis, e a poesia têm muito em comum, ao passo que elas representam uma cisão no logos ocidental, uma ruptura no cotidiano de formas e fórmulas pré-estabelecidas, aos moldes de Viktor Chklovsky, funcionam como sinônimos. A loucura é uma forma de expressão da hiperpoesia, como cunha Edgar Morin, no ser humano, é fonte desta, também, pois é fruto de tudo o que é marginalizado. Quando chegamos ao RN, percebemos que estes poetas sobrevivem devido a sagacidade de uma meia dúzia de pesquisadores que realmente se dedicam ao fazer literário/fazer poético e sabem que não fazer esse resgate é ser omissos. É negar a literatura. É negar a poesia.

Esse texto foi concebido como uma sugestão ao leitor para repensar e fazer outras reflexões sobre o tema. Seria um trabalho grandioso, no quesito de desgaste, empreender uma relação direta entre a loucura e a forma poética de cada indivíduo, se é que existe, particularmente não acredito, ou pelo menos se existir, acho que é o ponto que menos nos interessa. O ponto é a problematização do esquecimento e, a partir de tais considerações, o que disto podemos nós fazer.

Abaixo apresento um pequeno perfil de quatro poetas e alguns de seus poemas que muito interessam a nossa conversa, que funcionam, ou pelo menos foram construídos, como uma espécie de introdução para que, a partir dela, o leitor teça suas próprias veredas, suas próprias aventuras na linguagem e através dela.

## João Lins Caldas (1888-1967)



Nasceu em Goianinha, no Rio Grande do Norte, mas ainda no início da adolescência foi com a família residir em Assu. A cidade que o acolhera no início da adolescência não permitia ao poeta a concretização de seus desejos: publicar um livro de poemas trilingue (português/francês/inglês) e ganhar um prêmio Nobel. Empreende uma aventura geográfica, possivelmente motivada pela busca do reconhecimento, por Natal, Rio de Janeiro, pelo interior do Estado de São Paulo... queria ser conhecido, sabia que era genial e queria que essa genialidade fosse reconhecida, publicou em grandes jornais, viveu em quartos de pensão; entrou em contato com grandes escritores da literatura brasileira, tudo nas livrarias da Rua do Ouvidor, no Rio, mas nada deu certo, foi aposentado por Getúlio Vargas, aos 45 anos, por ter denunciado fraudes na obra ferroviária em que trabalhava. Voltou ao seu Assu, em 1933, cultivando uma vida de solidão, falando seus poemas em voz alta nos lugares para ser ouvido apenas por outros gênios. Gênios outros não existiam, sobravam pessoas que nada entendiam dos seus versos livres, praticados desde 1917; sobrava a alcunha de louco, a genialidade que explicava a loucura no boca a boca das feiras. Faleceu em 1967. Não chegou a publicar livro algum em vida, ganhando como prêmio o esquecimento, a máxima honraria potiguar. Fica lembrado pela obra impregnada de um surrealismo. José Geraldo Viera, importante romancista do início do século XX, coloca João Lins como protagonista de um romance intitulado "Território Humano" e também fala da esquizofrenia genial de João no livro de relatos "Cartas a minha filha em prantos". Há duas compilações póstumas que há tempos tentam retirar a poesia de Caldas do esquecimento, são elas: Poética (1975), organizado por Celso da Silveira e publicado pela Fundação José Augusto & Poeira do Céu e outros poemas (2009), organizado por Cássia de Fátima Matos dos Santos e publicado pela EDUFRN.

## Milton Siqueira (1911-1988)



MILTON SIQUEIRA POR MARCELLO OTHON

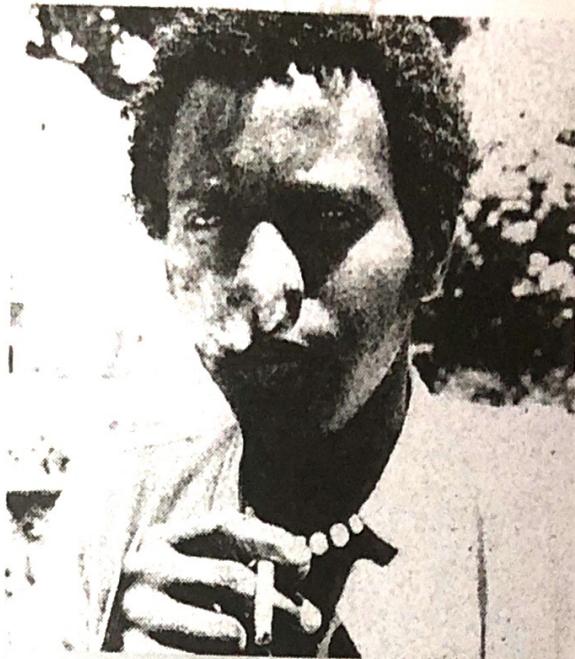
Filho de uma família de intelectuais e juristas, Milton renegava a vida burguesa, saiu de casa e vivia vagando pelas ruas de natal, trocando poemas por dinheiro. Alguns contam que sempre andava em maltrapilhos, cabelos desgrenhados, usava uns óculos escuros... era uma figura que fazia muitos mudarem de calçada. O poeta, nascido na cidade de Pedro Velho, publicou vários livros (difícilimos de serem encontrados). Sempre que podia, deixava claro sua posição em relação aos modos de vida/hipocrisia de sua família nuns versinhos, ao molde das cantigas de escárnio medievais, bradados em bom e alto som nos cafés e outras aglomerações. Viveu um tempo em uma cabana de palha em Areia Preta, mas depois passou a tomar todas as ruas do Centro Histórico de Natal como sua residência. Era subversivo, e tinha orgulho de ser a vergonha da família, como me contou uma vez o Sr. Edgar Dantas. Achava que o modernismo era uma doença e cultivou até o fim de sua vida um apreço às formas fixas. Todos apontavam seus dedos à loucura do corpo de Milton, à exclusão da loucura que ele vivia. Era de ficar falando sozinho, quase sempre arisco. Sua poesia ficou esquecida, algumas figuras de Natal preservam seus acervos pessoas de Milton Siqueira dentro de envelopes, dentro de caixas de sapato. Esses versos de tendências Parnasiano-românticas esperam olhares atentos antes que o tempo os dissolvam. Em 2010, José Hélio de Medeiros reuniu em um livreto os poemas de Milton que colecionou desde 1959 sob o singelo título de "Poemas".

## Walflan de Queiroz (1930-1995)



Nasceu em São Miguel, bacharelou-se em Direito pela Faculdade de Direito do Recife. Quis ser Diplomata, mas não passou na entrevista. Marinheiro que foi, saiu desbravando os mares do mundo chegando às Antilhas (talvez inspirado por Rimbaud, tanto era seu amor pelos poetas “malditos”) e, segundo contam Constância Lima Duarte e Diva Cunha no livro “Literatura do Rio Grande do Norte” (2001), o poeta viveu um tempo enclausurado num convento trapista no Sul do Brasil. Dominava o inglês e o francês e um pouco de outros idiomas, sendo grande leitor de Dickson, Poe, Yeats, Keats, Crane, Verlaine, Rimbaud, Mallarmé, Baudelaire e Rilke. Um poeta que muito lia para crescer cada vez mais em seu ofício, desde Homero, passando pelos filósofos escolásticos, até o que de mais inovador chegava às suas mãos. Cultivava temas como a angústia do homem, a solidão, a morte e o mar, com acentuada inclinação religiosa. Dividia com a elite intelectual de Natal, à época, a partir de publicações em jornais, o que melhor da poesia seus olhos tocavam. Walflan é um ponto fora da curva, contemporâneo de adeptos da geração pós-45, sempre escrevendo em versos brancos, desde a estreia em 1960, com o livro “O tempo e a solidão”. Publicou ainda: O livro de Tânia (1963), O testamento de Jô (1965), A colina de Deus (1968), Nas fontes da salvação (1970), Aos teus pés Senhor (1972), As fontes de Zeus (1974) e Tempo de Alah (1977). No final dos anos 70 o seu quadro esquizofrênico se agravou, levando-o a internação na Clínica Santa Maria, onde se afastou progressivamente da poesia e do mundo, concluindo esse processo em 1995. Com a exceção do “O tempo da Solidão” e “O livro de Tânia” publicados em um único volume em 2012 pela Sol Negro Edições, seus livros são inexistentes.

## Black out (1961-1999)



Pseudônimo de Edgar Borges, nascido em Currais Novos, fez-se poeta em Natal, por onde perambulava trocando seus poemas por dinheiro ou comida no café São Luis, sempre vestido com pompa. Pobre, negro e louco, vivia sendo perseguido pela polícia. Morava no Bairro de Mãe Luiza, vivia de fazer bicos como pintor e electricista. Publicou um único livro pela Cooperativa dos Jornalistas de Natal (COOJORNAT), com a ajuda de amigos, intitulado “**Duas Cabeças**”, numa edição bem simples, em 1981. Sua vida se dividia, muitas vezes, entre as ruas e as noites passadas no Hospital Psiquiátrico Dr. João Machado, na capital potiguar. Durante o tempo que ficou internado, o psiquiatra Franklin Capistrano, que também se dedica à literatura, o diagnosticou com hebefrenia, uma perturbação psíquica que se desenvolve ao término da puberdade. Morreu eletrocutado, em Mãe Luiza, ao tentar consertar a fiação de uma casa, em 1999.

### POEMAS:

ISABEL | João Lins Caldas

Uma Isabel morreu no mundo.  
Tinha pai e mãe, irmãos e sobrinhos, aquele mundo de primos no mundo.  
Avós enterrados, bisavós trepidantes nos cernes duros de árvores agigantadas.  
Ascendentes outros na nervura de asas e barbatanas de peixes.  
Isabel hoje estava cansada.  
Remontava das suas origens a dias muito anteriores aos dias de Tebas,  
Viveu de fresco os poemas de Homero,  
A guerra de Tróia,  
O passado de Sócrates,  
E, caída Cartago, soldados ruivos, assalariados, mortos.  
Não soube nada da sua crônica.

Era uma mulher, vestida de saia, os cabelos compridos  
E se alimentava de pão, rapadura e mel.

Isabel tinha linhas nas mãos.

Uma sorte que estava escrita, diferente sem dúvida das outras sortes.

O destino de Isabel, o destino da vida como dos outros que carregam a morte.

Eu nunca vi Isabel.

### SONETO A DEUS | Milton Siqueira

Se a matéria pudesse inteligência  
Dar aos homens, sem tê-lo para si,  
Para seu próprio gozo e onisciência,  
De quem seria o verbo do Rabi?

Medita, amigo, lá dentro de ti-  
Se a natureza jaz na inconsciência  
De sua força pela qual nasci,  
De quem herdei a luz da sapiência?

O monte, o vale, o sol, a chuva e o vento,  
São coisas mortas frente ao Pensamento-  
Faculdade do Espírito Imortal!

Do ventre da matéria vem matéria,  
Mas só de Deus a eterna, pura e etérea  
Energia do Ser, do Ego Mental!

### TRISTEZA | Black Out

Serena paz  
Gota de paixão  
Um rei em meus versos de amor  
Ou um laço de chuva  
Em meus olhos cheios de dor.

### SEM TÍTULO | Walflan de Queiroz

O navio que viu auroras frias em seus ninhos,  
O navio da morte que conduziu tripulações selvagens em oceanos distantes,  
Este navio que não tem velas brancas, mas bandeiras multicores.  
Eu o espero para uma viagem suicida.